

Nos Meandros do Óbvio: Algumas Notas Sobre a Recepção Brasileira das Ideias de George Herbert Mead

*Antonio Augusto Oliveira Gonçalves**

Resumo

O objeto de estudo é a recepção brasileira das ideias de George Herbert Mead, um filósofo e psicólogo norte-americano que viveu entre 1863 a 1931. Para tanto, coletou-se um conjunto de 76 teses em repositórios institucionais. Quatro áreas disciplinares se revelaram expressivas nas apropriações – enfermagem, educação, psicologia e ciências sociais –, nestas coloca-se em relevo a polissemia receptiva do autor. Nas ciências sociais, por seu turno, se observou duas tendências: de um lado, a recepção triangular, na qual os intérpretes brasileiros dialogam com os expoentes da Escola de Chicago, mas também incorporam os preceitos exegéticos de autores alemães sobre o pensamento meadiano; de outro, ocorre aquilo que intitulamos por eclipse da Torre de Marfim, ou seja, corresponde às reverberações suscitadas pela dialógica do campo científico que ao enobrecer determinados objetos de estudo, obscurece outros, dentre eles, as leituras a Mead.

Palavras-chave: Diálogo entre Tradições Sociológicas; G. H. Mead; Recepção Brasileira.

* Professor no INHCS (Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais), da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão.

In The Meander of the Obvious: Some Notes on The Brazilian Reception of The Ideas of George Herbert Mead

Abstract

The object of this study is the Brazilian reception of George Herbert Mead's ideas, a philosopher and American psychologist who lived from 1863 to 1931. It was collected a set of 76 theses in institucional repositories. Four subject areas were significant in appropriations – Nursing, Education, Psychology and Social Sciences. In these areas, it was observed the author's receptive polysemy. In the social sciences, in turn, it was noted two trends: on the one hand, a triangular reception, in which the Brazilian interpreters not only dialogue with the exponents of the Chicago School, but also incorporate the exegetical principles of German authors on the Meadian thought; on the other, there is what we have entitled by eclipse of the Ivory Tower, that is, the reverberations arising from the dialogic of the scientific Field; they ennoble certain objects of study and obscure others, among them the Mead readings.

Keywords: Dialogue between Sociological Traditions; G. H. Mead; Brazilian reception.

En Los Meandros de lo Obvio: Algunas Notas Sobre una Recepción Brasileña de las Ideas de George Herbert Mead

Resumen

El objeto de estudio es la recepción brasileña de las ideas de George Herbert Mead, un filósofo y psicólogo norteamericano que vivió entre 1863 a 1931. Para ello, se colectó un conjunto de 76 tesis en repositorios institucionales. Cuatro áreas disciplinarias se revelaron expresivas en las apropiaciones -enfermería, educación, psicología y ciencias sociales-, en éstas se pone de relieve la polisemia receptiva del autor. En las ciencias sociales, por su parte, se observó dos tendencias: por un lado, la recepción triangular, en la que los intérpretes brasileños dialogan con los exponentes de la Escuela de Chicago, pero también incorporan los preceptos exegéticos de autores alemanes sobre el pensamiento meadiano; de otro, ocurre aquello que intitulamos por eclipse de la Torre de Marfil, o sea, corresponde a las reverberaciones suscitadas por la dialógica del campo científico que al ennoblecer determinados objetos de estudio, oscurece otros, entre ellos, las lecturas a la Mead.

Palabras clave: Diálogo entre Tradiciones Sociológicas; G. H. Mead; Recepción Brasileira.

Introdução

Apresenta-se nas seções abaixo alguns vestígios no Brasil da recepção científica de George Herbert Mead, um filósofo e psicólogo norte-americano que viveu entre 1863 a 1931. Certamente, inquirir pela cadência histórica das ideias requer horas a fio para examinar a profusão – ou a escassez – da bibliografia, ler manuscritos e obras deslocadas no tempo e nos lugares, rever a lista de referências, consultar índices e aquirir por novos insu-

mos literários que possam amenizar a distância temporal entre o analista e os significados contidos nos textos de outrora. No presente estudo, buscamos dar corpo e seguir essas diligências engendradas pela pesquisa bibliográfica, entretanto não pretendemos fazer da diacronia aqui proposta um sumário exaustivo das releituras brasileiras de G. H. Mead, haja vista que até então persistem lacunas mais ou menos extensas entre uma apropriação e outra.

Realizamos o seguinte percurso de investigação. A partir de repositórios institucionais, compilou-se 76 teses e dissertações de intérpretes brasileiros que citavam Mead, seja via os escritos do teórico norte-americano, seja através de comentaristas estrangeiros e nacionais. Essas foram defendidas no hiato de 1997 a 2014. Para se apropriar do pensamento meadiano, os autores das teses fizeram necessariamente menções a textos publicados no mesmo ano de sua defesa ou nos que a precederam. Isto em decorrência de uma impossibilidade lógica, i. e., uma tese defendida em 2000 não pode se valer de referências que vieram a lume em 2007, por exemplo. Para garantir um estatuto nacional na recepção, distinguimos as citações de textos publicados no Brasil das demais. Semelhante a amostragem bola de neve, por meio das citações nas teses, buscávamos as fontes bibliográficas de comentaristas vernáculos ou de autores estrangeiros que publicaram no país, empregues nas leituras a Mead. A esparsa literatura, citada pelas teses, remeteu a outros textos que, por seu turno, aludiu a expedientes bibliográficos mais recuados no tempo. De citação a citação, foi possível retroceder até o ano de 1945. Antes de prosseguirmos na reconstrução desse processo, ainda marcado por interstícios, pontuaremos alguns aspectos biográficos de G. H. Mead.

Na Universidade de Chicago, no final do século XIX, mais precisamente em 1894, Jonh Dewey assume a cátedra fundacional de pedagogia trazendo com ele Mead para assumir o

cargo de professor assistente. De acordo com Souza (2006), Mead concluiu a sua graduação pela Faculdade de Oberlin, em 1883, ingressou no mestrado em psicologia e filosofia da Universidade de Harvard, em 1887. Além disso, Mead foi um dos numerosos norte-americanos que iniciaram uma jornada nas universidades alemãs objetivando obter um título de doutor (Farr, 1996). Em meados de 1888-9, Mead realizou alguns estudos com Wilhelm Wundt sobre a psicologia científica estrutural na Universidade de Leipzig e revisou os primeiros volumes da *Völkerpsychologie* de Wundt. Em 1889, se dirigiu a Berlim encetando suas pesquisas da tese de doutoramento com a orientação de Dilthey. Em sua estadia na Alemanha, Mead teve contato com a antítese de Wundt, os preceitos filosóficos de Dilthey e Heider, o idealismo alemão de Hegel, a psicologia fisiológica e experimental de Ebbinghaus, além de ter tido uma profunda compreensão do evolucionismo de Darwin. Mead regressou aos EUA em 1891 para assumir um cargo de instrutor de filosofia e psicologia em Michigan, a convite de Dewey. A perspectiva de futuro na docência obrigara-o a deixar Berlim, precipitadamente, abandonando desta maneira o doutorado. Já em Michigan, encontrou C. H. Cooley, que o introduziu nos escritos econômicos de Adam Smith (Miller, 1973; Farr, 1996).

Após seis anos enquanto professor em Chicago, em 1900, Mead começou a ministrar o seu Curso Anual de Psicologia Social, que era vinculado ao Departamento de Filosofia e Psicologia. Naturalmente, tanto os psicólogos quanto os filósofos frequentavam as aulas. Isso até 1904, quando Dewey vai para Columbia e os psicólogos criam um departamento desmembrado da Faculdade de Filosofia. No desenrolar dos acontecimentos, os discentes da pós-graduação em sociologia, por recomendação de Albion Small, comparecem as aulas de Mead. Diversas gerações de sociólogos foram influenciadas pela psicologia social em Chicago, principalmente a partir de 1920 até 1931, último ano do curso, devido às recomendações insistentes de Faris

(Lewis; Smith, 1980), e por estas e outras que Mead aparece como figura eminente na Escola Sociológica de Chicago. Depois de um conflito com o reitor, Mead, seguindo os conselhos de Dewey, resolve ir para a Universidade de Columbia em 1931, porém não assumiu o cargo em Nova Iorque, pois faleceu antes que pudesse ocupá-lo (Miller, 1973; Joas, 1985; Sant'ana, 2005).

Desse desenlace institucional entre Mead e os psicólogos em 1904, pode-se sintetizar que o behaviorismo e seus partidários em Chicago rechaçaram profundamente os filósofos, inclusive Mead, porque viram neles um pecúlio resultante da reflexão de séculos. Contudo, o produto do pensamento filosófico não poderia ser levado a sério, pois tinha origem nos gabinetes. Os filósofos, na perspectiva dos behavioristas, estavam confortavelmente sentados em suas poltronas e já passava da hora de desenvolver uma ciência comportamental do outro (Farr, 1996; Souza, 2011). Esse chamado estridente aos psicólogos para abandonarem a metafísica e irem à busca do futuro científico poderia ter sido feito por Comte (Allport, 1954). Contudo, o manancial da divergência entre Mead e os behavioristas vêm de antes, no paradigma em que inscreveram as suas teorias.

Para Farr (1996), Mead pertencia a um paradigma, um sistema em filosofia, que é incompatível ao de Descartes, isto é, o paradigma hegeliano. Neste sentido, a filosofia hegeliana apresenta maiores conformidades com a perspectiva de Mead, visto que ela é mais explicitamente social que aquela de Descartes. Ao invés de dicotomias cartesianas entre mente e corpo, sujeito cognoscente e objeto cognoscível, tem-se o *self* em relação ao outro. São mais relações e/ambos e menos dualismos ou/ou. A filiação de Mead a Hegel é o ponto de ruptura com o tipo de psicologia social desenvolvida no âmbito norte-americano. Esta última floresceu e desenvolveu-se historicamente dentro do paradigma

cartesiano¹, por conseguinte é fácil menosprezar a importância e originalidade da teoria psicossocial de Mead que, por seu turno, finca raízes em Hegel. Logo, a incompatibilidade de dois sistemas filosóficos explica a recepção de Mead nesse primeiro momento, o tornando uma figura mais próxima dos sociólogos em Chicago.

O que Farr (1996) designa por “incompatibilidade filosófica”, nós precisamos pela noção de “efeito redoma”, com o intento de focalizar as tramas mais circunstanciais na formação dos neófitos num campo científico. Se a comunidade de psicólogos comportamentais na década de 1910 poucas vezes endereçou as amarras canônicas da disciplina em Mead, é justamente porque no âmbito do ensino ocorreu a preservação das teorias, de modelos explicativos e teoremas, fundamentados numa matriz filosófica cartesiana. Por este motivo, o efeito daquele aprendizado foi manter os egressos do campo presos numa redoma de vidro. Esta analogia é estratégica, tendo em vista que concilia duas atividades contraditórias, alguma dose de aprisionamento científico, na maioria das vezes inconsciente, e a possibilidade de consciência dos limites latentes ao próprio paradigma no qual o especialista efetua a sua ciência.

O intuito em retomar noções de “incompatibilidade filosófica” e o “efeito redoma” não comporta nenhuma propriedade explicativa em si, senão para cotejar as dessemelhanças dos processos de recepção em ao menos dois contextos, aquando Mead proferia suas aulas nos EUA e como se deram as apropriações de suas ideias no

1 A empresa vã de John Watson pressupunha que ao focar naquilo que se objetivamente vê, tornando a psicologia uma ciência do comportamento, havia livrado-se do racionalismo de Descartes. Pelo contrário, o behaviorismo não foi além dos dualismos cartesianos, inclusive o mais central deles entre mente e matéria (Matos, 1995). Os psicólogos de Chicago pensaram ir além da filosofia mental do self em Wundt e a introspecção ao adentrar numa fase científica da disciplina, todavia ambas as vertentes, wundtiana e behaviorista, pertencem a um mesmo e único paradigma: o cartesiano. Tal como uma moeda epistêmica, no qual de um lado tem-se empirismo, mais próximo do behaviorismo metodológico em Watson e, na outra face, o racionalismo, afigurado na percepção dos processos internos e no mentalismo em Wundt (Farr, 1996).

Brasil ao longo de um tempo mais dilatado. Ademais, o montante de teses catalogadas neste artigo se divide em áreas disciplinares. Ao se interrogar pela recepção brasileira de Mead, percebemos que esta é, ao contrário, menos unívoca e mais polissêmica, ou seja, ao invés de uma pauta consistente nas releituras nacionais, se constatarem diversas recepções, com talhes díspares, a depender dos interesses particulares de cada ciência. No esteio dessa diferença de contextos e pluralidades interpretativas é que abordamos o fenômeno.

O artigo apresenta mais quatro seções. Na seguinte, revisam-se alguns influxos teóricos acerca das práticas hermenêuticas e das pesquisas de recepção. O tomo posterior estrutura o espólio de teses, primeiro em estatísticas simples, seguido de uma exposição dos padrões receptivos nas quatro áreas disciplinares – enfermagem, educação, psicologia e ciências sociais. São coligidos, na sequência, os registros de releituras em livros, teses, manuais, em parte, publicados no período anterior a 1997. Algumas linhas de reflexão abertas ao longo do artigo se coadunam nas “Considerações finais”.

A destruição criativa²

Nesta pesquisa objetivou-se resumir alguns registros e, dentro de determinados limites, lançar luzes na dinâmica social que preside os impulsos de decodificação de Mead no Brasil.

2 No templo da modernidade, sacrifica-se a liberdade em nome da segurança, preservando assim uma autonomia pequena demais (Bauman, 1998). O termo destruição criativa congrega os esforços incessantes da modernidade em domesticar os corpos e as práticas sociais com fins naquele desígnio da segurança. A criação destrutiva imbricou-se num vicejante movimento antropofágico que se manifesta nas instituições, nos indivíduos e até mesmo na reestruturação do espaço físico das cidades, como por exemplo, a praça Saint-Germain em Paris (Harvey, 2006). Se por um lado, relacionamos essa noção com a concretização progressiva de sentido na hermenêutica de Jauss, por outro, somos críticos da abordagem jaussiana uma vez que a pura e simples leitura de um documento pode resultar num rele aglomerado de racionalizações e apostas interpretativas mais ou menos acertadas, sem implicar uma destruição criativa do que a antecede (Lima, 1979). Cf. em: Harvey, David. **Condição pós-moderna**. 15ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006, pp. 21-44. Ver também: Bauman, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 07-37.

Trilhando por essas veredas, assumimos a relação nodal autor-obra-público, com a fina distinção que quando Mead proferia suas palestras nas salas e anfiteatros da Universidade de Chicago, certamente, não tenha cogitado os seus ouvintes – ou leitores – brasileiros. Essa relativa distância espaço-temporal não impõe grandes entraves se levarmos em conta o liame entre a função intencionada pelo autor e a função realizada pelo leitor (Gumbrecht, 1979). Mesmo aí as pejas não são absortas, afinal a comunidade de intérpretes vernáculos, por vezes, compõe um campo científico. Isso implica a análise das vertentes teóricas videntes e do panorama histórico-social dos círculos intelectuais. Nem sempre estudos exegéticos sobre exegeses dialogaram com os esquemas de ação e motivação dos leitores. Havia uma tendência na estética da recepção de enaltecer as virtualidades do texto e, portanto, louvar uma mimese interpretativa verossímil. Semelhante a um artifício mágico, a aura textual irrompe como uma epifania, fornecendo um sentido único a um ator singular, a perspectiva da “arte pela arte, da arte como finalidade sem fim” (Lopes, 2008, p. 24).

Nesse sentido, em meados dos anos de 1950, o *New criticism*, escola de interpretação imanente alemã, juntamente com o formalismo russo e o estruturalismo francês colonizaram uma arcádia paradisíaca da estética. Essas tradições intelectuais erigiram uma Torre de Marfim, donde se exalta a estrutura *parti pris* das textualidades e ao mesmo tempo desdenha-se das ações que se movem para fora, tal qual a comunicação. O primado da linguagem hermética na poesia cumpria o papel de eclipsar a validade das instâncias sociais na empresa literária, resguardando então o grau de pureza da expressividade poética. Com efeito, a semântica de apreciação e a crítica vigiavam os desideratos exógenos, ou seja, aqueles que ousassem estabelecer qualquer interlocução social com o público eram tachados de insensíveis, estranhos ao fundamento ascético posto. A obra adquire o caráter de uma *creatio ex nihilo* justamente por se afastar a todo custo da experiência anódina. O texto torna-se um sistema oclu-

so, dotado de uma estrutura intrínseca que é passível de ser descoberta. Contudo, as qualidades etéreas da obra não se abrem aos incautos, a imanência do significado se revela apenas e tão somente ao sujeito que consegue decifrar o eflúvio (Lima, 1979). Não é por acaso que, na corrente imanentista, a recepção literária do texto promova a entronização de um único intérprete:

[...] a meta das direções dominantes dos anos cinquenta, que visavam à leitura correta de textos isolados, cada um de seus representantes desejando ser o 'leitor ideal'! Por esta razão a verdadeira inovação da estética da recepção consistiu em ter abandonado a classificação da quantidade das exegeses possíveis e historicamente realizadas sobre um texto, em muitas interpretações 'falsas' e uma 'correta'. Seu interesse cognitivo se desloca da tentativa de constituir uma significação procedente para o esforço de compreender a diferença das diversas exegeses de um texto (Gumbrecht, 1979, p. 191).

Conforme Gumbrecht (1979), o ajuste de foco operado na estética da recepção permitiu compreender as dessemelhanças, no tempo e espaço, que permeiam as diversas constituições de sentido sem submetê-las a uma grade taxonômica. Indubitavelmente, o expoente que logrou o ponto de catástrofe às proposições imanentistas foi Hans Robert Jauss na Universidade de Konstanz, em 1967, ao apresentar as lições inaugurais de sua hermenêutica literária. O autor alemão contestou a eficácia dos dispositivos semióticos fechados e dos modelos formalistas que transmutam a experiência estética numa *écriture*, tornando-a distante do seu destinatário e reticente à finalidade comunicativa da literatura (Jauss, 1979a).

Se antes os imanentistas conjugavam o efeito e a recepção nos labirintos de significação do texto, Jauss efetiva a ruptura. Daí a relevância da comunicação de um duplo horizonte, o efeito, facilmente derivável do literário, evocando uma expectativa interna e a recepção condicionada pelo agente, expressando os nuan-

ces da expectativa social. Destarte, a tensão daquele com este elucida um paradigma de vaivém, cujo nexos entre autor, leitor e comentarista corresponde aos parâmetros entre “resposta original, pergunta atual e nova solução, concretizando-se o sentido sempre doutro modo e, por isso, sempre mais rico” (Jauss, 1979a, p. 56). Nos meandros de pontos finais pretéritos e interrogações contemporâneas, a proposta jaussiana permite aclarar o lusco-fusco da recepção atual e de outrora. Quer deslindando a dinâmica de significado de um dado texto para o leitor hodierno, quer retomando a feição histórica da recepção.

Contudo, a práxis estética de Jauss não se detém apenas no impulso de decodificação do intérprete, mas incorpora também as atividades produtora e comunicativa, colmatando assim as três funções básicas da experiência estética, a saber: *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. Pelo primeiro termo entende-se a satisfação idiossincrática diante da obra que criamos. A *aisthesis*, por sua vez, enseja a renovação perceptiva da realidade interna e externa por intermédio do conhecimento sensível. Finalmente, a *katharsis* designa o ato comunicativo, o momento no qual as fronteiras estanques da subjetividade caem por terra, originando um plano intersubjetivo que pode tanto mediar as normas de ação quanto abstrair os interesses práticos do cotidiano em favor da anuência de juízo do objeto aquilatado (Jauss, 1979b)³.

Poiesis, *aisthesis* e *katharsis* não são conceitos *per se* e também não constituem entre si uma organização categórica e hierárquica, mas antes são funções autônomas que, intercaladamente, estabelecem uma cronologia consecutiva. O inventor pode

3 O conceito de *katharsis* em Jauss coaduna as concepções de Górgias e Aristóteles. Na função catártica, navega-se pelo rio dos afetos desencadeados na declamação de uma poesia, ou, quem sabe, no pronunciamento de um discurso. Isto potencialmente conduz à revisão de convicções, assim como pode representar uma forma de liberação da psique. Cf. em: Jauss, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. In: Lima, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979b, pp. 63-82.

transfigurar-se, assumindo o ofício de crítico do seu próprio invento. Mas a simples mudança de atitude não se dá na ubiquidade. Entre a *poiesis* e *aisthesis*, há uma contradição de não poder ser, simultaneamente, produtor e receptor, escritor e leitor. Estes ensaios de interação, nos termos de Mead, também incorrem na recepção promovendo a inversão da *aisthesis* em *poiesis*:

Quando o leitor contemporâneo ou as gerações posteriores receberem o texto, revelar-se-á o hiato quanto à *poiesis*, pois o autor não pode subordinar a recepção ao propósito com que compusera: a obra realizada desdobra, na *aisthesis* e na interpretação sucessivas, uma multiplicidade de significados que, de muito, ultrapassa o horizonte de sua origem (Jauss, 1979b, p. 81).

Ao encontrar janelas numa obra acabada, o observador pode sair da postura contemplativa da incompletude, convertendo-se em coautor, preenchendo as lacunas de significação. No rolário dessa premissa de leitura crítica parece residir um elo débil da proposta jaussiana, pois a diferenciação paulatina entre o autor e as gerações de leitores é um processo natural na cadência histórica dos eventos. Se a *poiesis* não consegue, pelo próprio empenho interno ao texto, direcionar os caminhos interpretativos da *aisthesis*, inexoravelmente, o leitor em tempos diversos desloca-se, em escala contínua, dos significados imbuídos pelo autor do manuscrito original. Aqui se situa o calcanhar de Aquiles de Jauss. O autor alemão elege a literatura como via privilegiada para germinar a criticidade nos agentes, medrando assim uma hipostasia de caráter. Em virtude disso, Jauss pleiteia que existe uma renovação perpétua de sentido e por isto argumenta sobre o papel transgressor da ficção, aludindo os subterfúgios clandestinos na trama, a capilaridade das perguntas veladamente suscitadas na narrativa e a rebeldia indiscreta das personagens. Isso porque Jauss equipara a função transgressora nas artes a uma função social por excelência, sem fazer maiores análises. Quiçá, a alternativa a tal prospecto seja descolonizar

a teoria estética da experiência estética, evocando eventuais contribuições da sociologia, da literatura, da história social, da sociologia compreensiva etc., pois a crítica literária, como qualquer outra, também é socialmente regulada⁴. Portanto, o desejável é desenvolver uma teoria da recepção que radicalize as suas contingências racionais, mas também reconheça suas próprias frentes cegas, aquilo que se furta ao olhar do especialista (Jauss, 1979a; Lima, 1979).

A identificação dos pontos de ocultamento corrobora, por vezes, para que o leitor não apenas acresça na perspectiva do autor, mas talvez a refute por completo, inaugurando uma nova linha de interpretação do fenômeno. Norbert Elias, no estudo sociológico da vida e obra de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), desconstruiu a imagem do gênio musical tão difundida nas biografias correntes, afirmando que se for verdade a ideia do gênio de Mozart, ele foi um gênio que antecedeu a própria noção romântica genial. Porventura, seja essa razão com que Elias paradoxalmente intitule o manuscrito por “Mozart: sociologia de um gênio” (1995). O encômio do conceito de gênio nas biografias regia-se conforme dois preceitos: primeiro maturar o apanágio genial dentro de propulsões interiores ao indivíduo, dotadas de certo inatismo; segundo desatrelar as obras primas de seus contextos de consecução e de quem as produziu. Após o exame do espólio de cartas, relatos e diários sobre o músico, o sociólogo alemão constatou que os conteúdos lá registrados contradiziam a formulação de alguns escritores. Elias, diferentemente desses, adentrou nos salões principescos da aristocracia germânica, desvendando a estrutura social cortesã em que a diminuta distância física das pessoas num mesmo palacete não correspondia

4 Exemplar a respeito disso é como o clima de medo do pós Revolução Francesa repercutiu na formação do gosto teatral, popular ou burguês, em Paris. As peças encenadas ofereciam distintas alternativas para lidar com a efervescência taciturna da época. Ver em: Lima, Luiz Costa. Introdução: O Leitor Demanda (d)a Literatura. In: Lima, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp. 9-36.

à imensa hierarquia social entre elas (1995).

Wolfgang Mozart não pôde se esquivar de tais ímpetos. As preleções de seu pai, Leopold Mozart, lhe proporcionaram a conformação ao gosto musical cortesão, contudo as tentativas de adaptar a suas idiosincrasias e comportamentos ao padrão da corte mostraram-se desastrosas. Wolfgang repugnava as escaramuças verbais, os circunlóquios e a atmosfera de bajulação aristocrática em Salzburgo, na Alemanha. No episódio em que o jovem Mozart demite-se e procura trabalho em Paris, Elias, tão sagaz no seu labor sociológico, estabelece discrepâncias entre condições de emprego de um músico na França, Inglaterra, Itália e Alemanha. Nestes dois últimos países, a ausência da integração nacional ditava novos tons à paisagem musical e artística. Assim, a circunstância de Mozart detinha certas correlações com a de Michelangelo (1475-1564) e de Johann S. Bach (1685-1750). O jogo de intercontextualidades eliasiano, por assim dizer, era invisível para alguns biógrafos que só encasulavam suas talentosas figuras sociais em remissões circulares, cada qual, restrita a um esmero centrípeto. Trata-se de um anacronismo, afinal a definição de gênio era inconcebível para a época, tanto que a cultura cortesã não fomentava qualquer legitimidade a um sujeito altamente individualizado (Elias, 1995; Leite Lopes; Maresca, 1992). Logo, relaciona-se tal elaboração com o advento do ideário romântico, no qual o leitor era implicitamente convidado a se alegrar ou a padecer com as vicissitudes do protagonista.

Esse apelo à diligência do leitor, que se exhibe tanto nos romances quanto noutros gêneros textuais, foi examinado por Wolfgang Iser (1979). O autor, pertencente à escola de Konstanz, coteja certas correspondências entre a interação socialmente mediada e os vazios na construção textual. A interação face a face para na contingência recíproca de planos de conduta, em não poder antever o que o outro mentaliza de si. Há um limite ontológico, situado no “entre”, no grau de inapreensibilidade mútua da relação diádica. A situação e as convenções sociais medeiam os

parâmetros interativos, fornecendo um estoque de saber social aos agentes para assim regular suas respectivas ações. Se na comunicação diádica os partícipes podem se questionar entre si, amenizando a miopia da experiência alheia, no texto não há um quadro de referências símiles, no entanto o esforço hermenêutico não é uma ação frívola ou descabida. Isto porque a estratégia textual se reveste de complexos de controle que não equivalem aos mecanismos reguladores na situação face a face, mas comportam o acicate e as rédeas do movimento interpretativo. Iser (1979) cita Virginia Woolf que desvela os meios de controle estruturados nas narrativas de Jane Austen. Ali nas ninharias de sentido, nos vazios dialógicos, Austen prende a atenção do leitor, convidando-o a preencher o que não aparece na superfície. Ao mergulhar nas profundezas dos interstícios, na aparente trivialidade das cenas, o interlocutor divide-se entre a imediatez do presente e a linha fria do futuro, compondo uma nuvem de projeções que esvaece ao menor sinal de negação, numa dialética repleta de palavras e silêncios. Quando se cala, impulsiona formulações projetivas, em pensar no que foi pensado ao não ter sido dito pelo personagem. Mas o que é dito fornece indícios, controlando a profusão de ideias no leitor (Woolf, 1957 apud Iser, 1979)⁵.

No devir da leitura, o que era até então uma hipótese num capítulo, noutro já é descartada em vista das negações sucessivas efetivadas no discurso. Destarte, o texto é um repertório de combinações, permeado por interstícios. Se as lacunas de pensamento, por um lado, instigam o leitor a postular perspectivas, a negação, pelo contrário, supri elementos, operando dissonâncias na atitude vigente. Ao se estender e, num átimo, se retrair nos seus próprios argumentos, o leitor elenca um tema preferencial, no qual é contornado marginalmente por um horizonte (Iser,

5 No livro *The common reader*, Virginia Woolf (1957 apud Iser, 1979) não só analisa os lampejos de Austen, como também descreve o processo de construção dos personagens em seus romances.

1979). Ora, as teorizações de Iser fazem do texto um engenho autopoiético, uma vez que a dimensão relacional entre tema e horizonte é regulada pela estrutura da obra. Levando a cabo tais teses, sentimo-nos extremamente confortáveis para dizer que as pesquisas de recepção são pleonásticas e desnecessárias, tendo em conta que o texto se autorregula, então não haverá fissuras nas apropriações de Jürgen Habermas, na Alemanha, e nas de Odair Sass, no Brasil, se este e aquele lerem idêntico escrito de Mead.

Vem-nos à baila um sofisma apriorístico, do qual um leitor transcendental é idealizado, como se abstraído da autorregulação compulsória. Doravante, um quadro meta-histórico, que se quer inclusive teórico, enceta uma viagem interplanetária a Marte e de lá vemos a Terra, espoliando toda a historicidade da história. Este anacronismo é desencadeado pela proeminência do texto no prisma de Iser (Lima, 1979). Mesmo assim há de se reconhecer a notoriedade dos literatos de Konstanz. Jauss e Iser romperam com o paradigma imanente, denotando o préstimo do leitor ou da comunidade de intérpretes nas práticas literárias. Socializa-se, ou, ao menos, sugestiona-se a socialização que antes residia na penumbra da ascese.

Situado nesse ponto, retomamos duas pesquisas que rumaram a incursões semelhantes aos propósitos da presente investigação. Glauca Villas Bôas e Jacques Leenhardt percorrem itinerários diversos, porém ambos estudam o enlace entre duas tradições intelectuais distintas, atravessando o Atlântico para recolher achados sociológicos aqui e acolá. Leenhardt (2006) encontra em Gilberto Freyre o ponto de mutação do pensamento ortodoxo na França. Quando o autor brasileiro desembarca na verve francesa, um debate hexagonal emerge. O conflito endógeno das disciplinas acadêmicas reatualiza as ideias freyrianas as submetendo a uma instrumentalização consoante aos vislumbres do cenário nacional francês. Entretanto, a contradança de Freyre manifesta-se, sendo desta vez o instrumento que desvencilha as

pulsões dos critérios pré-estabelecidos. Amiúde, alguns doutos franceses chamam para si essa fluidez heterodoxa, a liberdade metodológica e científica em Freyre. No rescaldo fervilha o efeito singular de um duplo exotismo ao receber as asserções, oscilando entre a apropriação instrumental e o autoelogio erudito através de Freyre. Ademais, os debates intelectuais brasileiros ressoam no *corpus* da recepção, tornando o paradoxo mais desconcertante (Leenhardt, 2006).

Glauca Villas Bôas (2006a, 2006b), por seu turno, objetivou reconhecer a identidade cognitiva da sociologia brasileira a partir da recepção da tradição sociológica alemã. A autora assinala que nessa tarefa não basta descrever as minúcias conceituais, mas requer-se do pesquisador seguir os trajetos da recepção, deparar-se com suas betesgas súbitas, garimpando eventualmente os cânones interpretativos. O cuidado propedêutico de Villas Bôas a permitiu compreender a relação de fascínio e asco dos sociólogos brasileiros pela teoria social alemã, cujo apreço provém da eminência teórica e o menoscabo brota da mesma fonte. O cunho filosófico da sociologia alemã cria óbices para transpor as premissas teóricas em instrumentos de análise empírica. A ce-leuma entre teoria *versus* empiria soma-se a outro obstáculo na recepção brasileira, i. e., o gosto alemão pela indeterminação dos sistemas científicos. Max Weber e Georg Simmel não admitiam quadros teóricos totais, pretendiam conceber um conhecimento sociológico sempre incompleto, pendente a revisões. Tal predileção epistêmica influenciava as formas de apresentação das ideias e ao invés de textos sistemáticos, os intelectuais germânicos optavam pelo ensaio – nele a razão pode mover-se livremente sem colidir nas regras precisas de formalização. Por fim, a adesão da sociologia brasileira aos métodos das ciências naturais, fortuitamente, atravanca o reconhecimento da dimensão histórica da vida coletiva. Inversamente, na Alemanha, o estudo que se pretende sociológico não se faz sem o rescaldo da história (Villas Bôas, 2006). A título de exemplo, basta folhear “O processo civilizador” de Elias (1994) que esbarramos

com dezenas de referências a hábitos aristocráticos, idioletos e termos ignotos. Em virtude dos aspectos supracitados, o cientista social no Brasil, vez ou outra, prefere ler os autores daquela tradição através dos pragmatistas estadunidenses. A vocação sistemática da sociologia norte-americana desossifica os laivos históricos do pensamento alemão e arregimenta os postulados em criações complexas, mais palatáveis ao sociólogo brasileiro (Villas Bôas, 2006).

Portanto, a recepção não recai apenas numa interlocução dual, coexiste a possibilidade de triangular a díade das tradições sociológicas por outras vertentes de pensamento mais próximas a um dos polos do diálogo. Mas isso não quer dizer que possamos angariar respostas somente no exame da forma. É fundamental, trazer à tona o conteúdo da duração, ou seja, a compreensão histórica que “mede a extensão corporal, espacial e social onde o texto é conhecido e em que produziu efeitos” (Zumthor, 2007, p. 51).

Uma tautologia da recepção?

Investigar os trajetos da recepção certamente não é seguir a estrada de tijolos amarelos, como fora para Dorothy e seus amigos ao procurar pelo Mágico de Oz. Em idas e vindas, ao mergulhar na profundidade das bibliografias, certos palpites sapientes, curiosamente, levam a betesgas. Por outro lado, hipóteses, antes improváveis, fornecem vestígios relevantes da recepção. Com isso, os fios soltos vão constituindo uma trama complexa. As citações de citações são como clareiras que inflexionam para outras direções. Essas nem sempre conduzem a “Cidade das Esmeraldas”.

Em George Herbert Mead, a recepção brasileira corresponde a um mapa pontilhado, cujas lacunas cobrem a vasta extensão dos apontamentos cartográficos. Desta maneira, a bússola que norteou o nosso horizonte foi um conjunto de registros compilados

em três repositórios, a saber: a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, o Banco de Teses da CAPES e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Compulsamos as bibliografias de 76 teses e dissertações e o material coligido, por sua vez, possibilitou-nos compor uma base de dados própria, no qual catalogamos as ocorrências conforme o ano de defesa das teses, a área de conhecimento dos programas de pós-graduação e a modalidade de citação a Mead – primária ou secundária, ou seja, se a apropriação resulta em textos escritos por Mead ou pelos seus comentaristas, estrangeiros ou nacionais⁶.

A Tabela 1 discrimina o acervo segundo o nível dos programas de pós-graduação e o Gráfico 1 conforme os anos de defesa das teses.

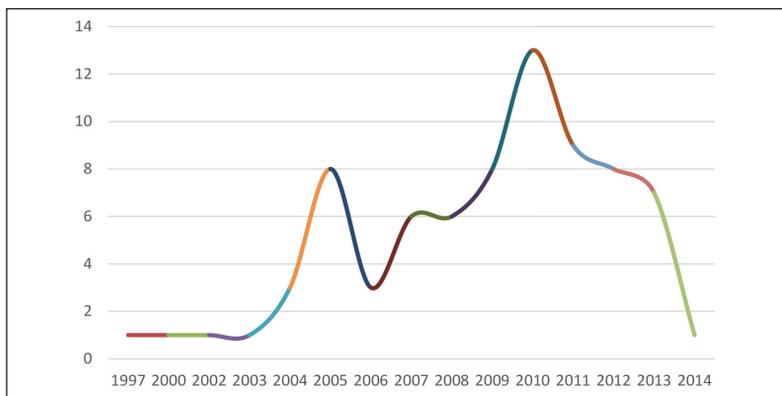
Tabela 1 – Teses conforme o nível de titulação dos programas de pós-graduação

Nível	N	%
Mestrado	37	48,69
Doutorado	39	51,31
Total	76	100

Fonte: Dados primários do autor

6 As análises de Manuel Palacios da Cunha e Melo (1999), em seu livro “Quem explica o Brasil”, inspiraram grande parte da organização desta pesquisa, desde a constituição do banco de dados até a forma de estruturar as informações em representações gráficas. Para mais detalhes, cf. em: Melo, Manuel Palacios da Cunha e. **Quem explica o Brasil**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 1999.

Gráfico 1 – Ano de defesa das teses



Fonte: dados primários do autor

As teses e dissertações foram defendidas em onze universidades, dispersas em cinco estados da federação – Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Dentre o total de instituições de ensino superior, tem-se a seguinte composição: quatro universidades federais – UFMG, UFPE, UFES, UFSM –, três estaduais paulistas – USP, Unicamp, Unesp – e quatro universidades particulares – PUC/SP, PUC/MG, PUC/RS, Unisinos. Em termos institucionais, a distribuição numérica das teses e dissertações é desigual, sendo majoritariamente oriundas da USP. Fato este que não se explica apenas pela seleção do repositório uspiano na amostragem, afinal no momento da coleta dos dados, quando se buscou por registros nas bases da UFMG ou da UFPE, por exemplo, quase a totalidade das teses listadas no mecanismo de busca também constava no Banco de Teses da CAPES ou na BDTD, porém, o mesmo não ocorria com a Biblioteca Digital da USP, havia registros recuados no tempo que as outras duas bases – CAPES e BDTD – não abarcavam em seus acervos virtuais. Isto, em certa medida, justifica o recorte da amostragem deste trabalho.

Ademais, por meio de um mecanismo de busca nos arquivos computados, distinguimos não só a filiação institucional, mas também

a área de conhecimento dos programas e quais autores eram empregados para citar Mead – além do próprio. Assim, na Tabela 2 expõem-se os registros conforme a tipologia das citações.

Tabela 2 – Padrão das citações

Fonte	<i>N</i>	%
Primária e secundária	38	50,00
Apenas secundária	38	50,00
Total	76	100

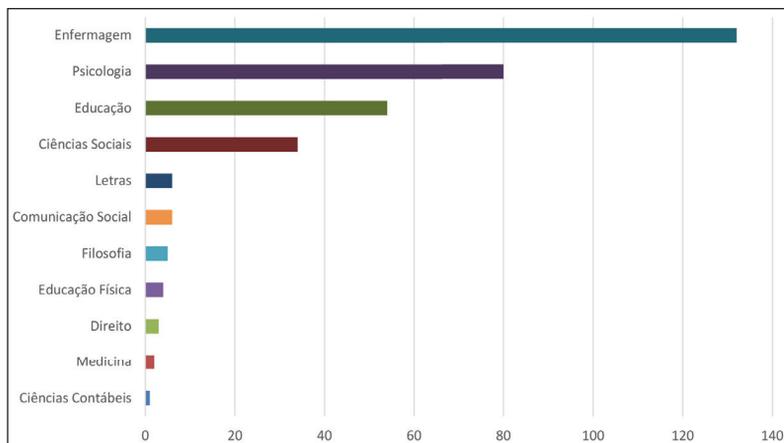
Fonte: Dados primários de pesquisa

O equilíbrio do padrão das citações é bastante relativizado quando se analisa os contornos do gráfico. Pois além de classificar em citação primária e secundária, perguntamo-nos especificamente quem eram os comentaristas nacionais e estrangeiros citados nas teses e dissertações. Tal questionamento revelou um total de 114 autores distribuídos de forma heterogênea nas áreas de conhecimento.

Nas duas representações gráficas abaixo, são reportados os totais de citações dentro de cada área do conhecimento. Para fins de comodidade analítica, os dados coligidos das ciências sociais, sociologia e ciência política foram agrupados sob a rubrica das ciências sociais, em decorrência da afinidade teórica e a formação de cunho genérico do cientista social na graduação. Os demais registros são intitulados e diferenciados conforme a área de conhecimento dos programas de pós-graduação. No Gráfico 2, o exame vertical das barras explicita correlações macroscópicas dentre as classes disciplinares, identificando discrepâncias numéricas na recepção⁷. Já na Tabela 3, conseguimos visualizar quais são os autores mais citados por áreas disciplinares nas apropriações ao pensamento de Mead:

7 Para efeitos de análise, consideramos os registros da enfermagem, educação, psicologia e ciências sociais. As demais ocorrências não suscitam um *corpus* de recepção e qualquer tentativa de explicá-las em conjunto ou isoladamente poderia incorrer em hipostasias. Os valores absolutos das produções demonstram o quão irrisória seria a partir de uma ou três teses abstrair toda a recepção de Mead num dado campo científico.

Gráfico 2 – Total de citações por área disciplinar



Fonte: Dados primários do autor

Tabela 3 – Autores mais citados por área disciplinar

Autores	Letras	Com. Social	Direito	Ed. Física	Filosofia	C. Sociais	Educação	Psicologia	Enfermagem
Ângelo, M.	0	0	0	0	0	0	0	0	8
Berger, P.	0	0	0	0	0	0	2	4	0
Blumer, H.	0	1	0	0	0	1	2	2	19
Charon, J. M.	0	0	0	0	0	0	0	0	21
Farr, R.	0	0	0	0	0	1	0	4	0
Habermas, J.	0	0	0	0	1	2	3	5	0
Haguette, T. M. F.	0	0	0	0	0	1	0	1	14
Honneth, A.	0	0	2	1	2	3	2	1	0
Joas, H.	0	0	0	0	0	2	2	1	1
Littlejohn, S. W.	0	0	0	0	0	0	0	0	7
Luckmann, T.	0	0	0	0	0	0	2	4	0
Mead, G. H.	2	2	1	1	0	6	6	10	10
Sass, O.	0	0	0	1	0	0	3	4	1

Fonte: Dados primários do autor

No gráfico, avultam-se o total de citações de registros na enfermagem que não podem ser explicados apenas conciliando a distinção entre literatura de formação, mais recorrente nas humanidades, e a literatura especializada, expressiva nas ciências biológicas e exatas (Melo, 1999). O compromisso dos enfermeiros com a recepção de Mead provavelmente não germina na mera referência ao objeto de pesquisa. Se assim fosse, os argumentos de tal falácia deveriam dar conta da dessemelhança dos interesses de investigação propostos nas teses e dissertações, além de assegurar alguma imanência de interpretação dos objetos analisados.

A apropriação de Mead na enfermagem transparece vislumbrar uma virada teórica ou, quem sabe, pulular a heterodoxia do campo científico. Aqui a incompatibilidade filosófica dos paradigmas faz-se sentir sob a égide da racionalidade médica. O fantasma moribundo de René Descartes desencarna em vestes brancas, buscando as causas da morte para assim dirimir seus efeitos nefastos. A ciência das patologias incumbe-se em lidar com a doença e não mais com o doente, alienando a enfermidade do corpo. Tal razão instrumental despersonaliza a relação enfermeiro/paciente, no qual este último converte-se num canal de acesso ao fisiológico, abafando a dimensão humana e todos seus ruídos – o choro, o riso, etc. O momento crucial da existência, a morte, transfere-se da casa para o hospital. Os tons cálidos da familiaridade são substituídos pela frieza dos CTIs. Sufocado por tubos e toda parafernália tecnológica da medicina mecanicista, o homem padece sozinho, pois a razão tolhe aquilo que é irracional, os sentimentos, a emoção, o vínculo interpessoal. Quase tudo é orquestrado como se estivéssemos diante de um problema técnico, uma entropia orgânica que pode ser adequadamente debelada ao se convocar os saberes periciais dos especialistas (Silva, 2004; Duarte, 2003).

Entretanto, na contemporaneidade, uma reviravolta espraia-se. A medicina psicossomática e a enfermagem recorrem às prer-

rogativas teóricas e metodológicas do interacionismo simbólico para assim oxigenar os ares mórbidos dos nosocômios. Mead entoa o discurso de humanização das ciências da saúde, restaurando a unidade do sujeito monista de Hipócrates e, simultaneamente, mingando as tentações dos dualismos cartesianos. Assim, as teses e dissertações que citam o autor parecem resgatar a personalidade do paciente e a subjetividade dos sintomas sem sucumbir ao reducionismo biológico. Trata-se de uma ruptura da ruptura epistemológica (Santos, 1989), em que a interação simbolicamente mediada repovoa o cenário com pessoas, e não com instrumentos e uma profilaxia epidemiológica cega a face humana.

No campo da educação, por sua vez, o aporte em Mead relaciona-se a três frentes temáticas: a identidade e a formação do eu na instituição escolar, os processos de socialização e a filosofia de John Dewey. A recepção mostra-se uma vez mais o seu ecletismo em reelaborar os teoremas do autor. Há desde pesquisas bibliográficas que elencam Mead como seu prisma de reflexão fulcral até aquelas que indagam sobre os processos identitários de gênero, mobilizando assim as categorias meadianas. Por exemplo, a tese de Maria Cristina Cavaleiro (2009) esmiúça as táticas de enfrentamento da heteronormatividade na escola e como, no interlúdio de tal empenho, as feminilidades homossexuais vão se construindo e sendo ressignificadas ao atentar contra as coações peremptórias. Ainda no que se refere à socialização, a polissemia receptiva em Mead se expressa inclusive na infância, isto é, durante o recreio escolar, os jogos e brincadeiras permitem as crianças saírem de si mesmas e, reflexivamente, transformam-se em objetos de si. Do distanciamento e autodistanciamento, a criança paulatinamente percebe-se enquanto um ser individual, consciente de um *self vis-à-vis* ao coletivo (Grigorowitschs, 2007). Por fim, a maioria das releituras de Mead na educação provém de seu vínculo estreito com outro intelectual, John Dewey. As citações são quase sempre perfunctórias, apresentam-se em notas de rodapé ou em parcos comentários ao longo do texto

e geralmente colocam Mead no panteão de filósofos pragmatis-tas ao lado de Dewey, Pierce e James (Trindade, 2009; Rocha, 2011; Dorsa, 2013). Este modo de reinterpretação não é exata-mente de caráter instrumental, em acolher os conceitos, teorias e ideias para aclarar ou ler criticamente o objeto de pesquisa. Constata-se uma agenda de obrigações teóricas que clama pela contextualização, em recolorir as tintas dos argumentos, irisan-do suas proveniências intelectuais, ou seja, oxigenar o passado, recuperando o jogo de influências nas condições reais de produ-ção científica. Qualquer pesquisador que se debruce a examinar a vida e obra de Marcel Mauss indubitavelmente deverá levar em conta o legado de Durkheim. Tal lógica se estende aos casos de Dewey e Mead na educação.

De certo, a singularidade dos pedagogos na recepção não pode ser generalizada para outras disciplinas, especialmente aquelas que Mead guardou uma relação umbilical: a sociologia e a psico-logia. A história de recepção do autor entre seus compatriotas difere daquela que se deu no Brasil. A ideia de efeito redoma, aludida na introdução deste artigo, comprova o relativo desdém dos psicólogos norte-americanos pela teoria meadiana ao passo que os sociólogos de Chicago se apegaram aos ensinamentos de Mead, auxiliando inclusive na consecução de suas publicações póstumas. Contudo, o cenário brasileiro atual exhibe uma nova disposição das peças no xadrez que transparece até mesmo con-tradizer as tendências anunciadas pela Escola de Chicago. Alguns poderiam esperar logicamente que os cientistas sociais brasilei-ros abraçassem sem pejeas a causa de Mead enquanto nossos psicólogos manter-se-iam cegamente presos na redoma. Ledo engano. A guiada da psicologia latino-americana para as formas sociológicas de psicologia social (Sales, 2010; Calegare, 2010), a difusão do construcionismo de Kenneth J. Gergen (Rasera, Japur, 2005) e os usos da obra de Enrique Pichon-Rivière (Carvalho, 2009) são sinais dum movimento de abertura no campo psico-lógico brasileiro. Se a princípio a chegada de Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política pavimentou os rumos da recepção

entre os sociólogos (Mendoza, 2005; Del Vecchio, 2009), isto parece ter esvaecido no decurso da história das ciências sociais no Brasil. Quiçá, Mead ainda seja demasiado psicólogo para os sociólogos e sociólogo em excesso para os psicólogos. Mas cada uma destas ciências tem razões próprias para navegar nesses oceanos da recepção.

No que tange à psicologia, o levantamento bibliográfico e o espectro das citações indicam uma diversidade de usos que podem ser sumariados em três categorias. A primeira retoma Mead para integrar o fisiológico e o cultural, extrapolando as limitações explicativas de binarismos e reducionismos. Schewinsky (2008), por meio de um estudo de caso, comprova a eficácia da imaginação criativa no tratamento do déficit de memória em pacientes que sofreram de Traumatismo Crânio Encefálico. Noutra pesquisa, os conceitos meadianos de conversação significativa e outro generalizado vêm à tona para interpretar a comunicação entre crianças surdas que ainda não aprenderam a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. O processo simbólico de interação, as sonorizações, mímicas e gestos cobrem as eventuais lacunas da aprendizagem, além de ser um esteio para as crianças surdas assimilarem os artefatos sociais e culturais (Florenco, 2009).

Na segunda categoria estão brevemente listadas algumas exegeses de psicólogos sobre Mead. Os registros dessa modalidade prescrevem uma acuidade analítica particular. O gráfico claramente desvela a pujança de quatro áreas do conhecimento em termos de citação, a saber: enfermagem, educação, ciências sociais e psicologia. Considerando o acervo total dos dados coletados, a psicologia detém uma característica atípica nos aspectos morfológicos e científicos quando a recepção resulta em exegeses. Ressalta-se a concentração de intérpretes numa mesma instituição, a PUC-SP. Neste sentido, não seria exagero afirmar a existência de uma linhagem de orientadores e discípulos que constituem uma espécie de escola de atividade (Becker, 1996). Antonio da Costa Ciampa e Odair Sass, seguidos por Ruth Bernar-

des de Sant'Ana, Renato Ferreira de Souza e Aluísio Ferreira de Lima, são alguns nomes de pesquisadores ligados ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da PUC-SP. Na próxima seção, abriremos um preâmbulo para discutir a relevância de suas produções e como elas delineiam parte dos espólios da recepção.

Finalmente, na terceira categoria inscrevem-se os estudos sobre a identidade intersubjetiva em diferentes planos, reais ou virtuais. Ribeiro (2005) ancora-se nas pesquisas de Mead sobre o time de futebol da *Harvard University* para demonstrar como o esporte torna-se um veículo social que confere aos participantes um signo de identidade. Nos meandros de crenças e ritos de iniciação, os aspirantes e jogadores profissionais de lado são mediados pela família que intumesce uma série de expectativas acerca de um futuro próximo. Por outro lado, depois de ingressarem num time, os futebolistas são legitimados pela fama do clube, carregando um conjunto de impressões do que se espera deles ao vestirem determinada “camisa”. Além disso, não é apenas nos estádios que se observa o enlace entre a subjetividade e o contexto. Guimarães (2007) recorre aos conceitos de “eu” e “mim”, aplicando-os no ambiente virtual, mormente em jogos de representação de papéis, *Role-Playing Game* – RPG. O autor constata que, nas competições, os jogadores almejam uma consideração de si que só possível a partir da chancela do outro. Para tanto, o “eu” entra em diálogo com o “mim” com intuito de combater as visões negativas de si. Nesse campo político da intersubjetividade, a fruição pessoal floresce numa estrutura de reconhecimento mútuo em que o desejo de triunfar na competição medra a hostilidade política entre os jogadores (Guimarães, 2007).

O mosaico de apropriações de Mead na psicologia contrasta com a tímida recepção nas ciências sociais. A soma dos registros da sociologia, ciências sociais e ciência política resulta num total de

oito valores que é metade do cômputo da psicologia, 16 valores, e mais baixo ainda que o montante da enfermagem, 26 valores. Mesmo a educação, área no qual Mead é, em termos gerais, citado perfunctoriamente, consegue atingir um cálculo superior ao das ciências sociais – 13 valores. Dentre as quatro maiores áreas, tanto em números absolutos quanto no repertório das citações, as ciências sociais é que apresenta as menores taxas, de acordo com a simples descrição estatística. Se somos herdeiros da Escola de Chicago através de Pierson, porque o nosso legado providencial não se reflete na produção científica presente?

Arriscar uma resposta contundente a uma questão efêmera é quase o mesmo que endereçar inferências pífiyas a problemas complexos. Isto porque se perscrutarmos a cadência histórica da recepção é bem provável que encontremos afirmações distintas em tempos diversos. A agenda de preocupações científicas à época de Florestan Fernandes certamente distancia-se das aspirações pós-colonialistas de Sérgio Costa (2006), por exemplo. Talvez possamos ensaiar uma ou outra inferência sobre o relativo isolamento de Mead nas ciências sociais a partir das reflexões de Pierre Bourdieu (1994).

No campo científico, os investimentos nunca são desinteressados, mas se organizam numa economia simbólica de lucros previstos, conscientemente ou não. A preferência por certos objetos de estudo que são considerados mais importantes é justamente devido ao fato de eles garantirem altas taxas de lucro simbólico. Com efeito, uma descoberta inédita nesse nicho de objetos consagrados permite ao cientista um vigoroso reconhecimento dos pares concorrentes. A economia das escolhas científicas conjuga estratégias políticas de maximização dos lucros por meio da seleção das linhas de pesquisa, dos métodos utilizados e dos locais de publicação.

Por conseguinte, a concorrência acirrada em torno das questões mais relevantes determina “uma migração de pesquisadores em

direção a novos objetos menos prestigiados, mas em torno dos quais a competição é menos forte” (Bourdieu, 1994, p. 125). Portanto, as ideias brilhantes produzem uma neblina ao redor de objetos menos reluzentes. Aquilo que ousamos chamar de eclipse da Torre de Marfim corresponde às reverberações suscitadas pela dialógica do campo científico que ao enobrecer uns, obscurece outros. Provavelmente, nesses estratos menos majestosos dos investimentos científicos se posicionam as apropriações de Mead nas ciências sociais.

Nesse âmbito disciplinar, as teses e dissertações, consideradas em conjunto, refletem uma recepção esparsa e aleatória, oscilando entre a interpretação instrumental e a contextualização de escolas de pensamento. Vieira (2009) e Sales (2010) adentram no mundo do trabalho, das agências de intermediação de vagas e das aspirações profissionais de jovens, introduzindo Mead para circunscrever à experiência subjetiva em fenômenos que geralmente são explicados à luz de fatores econômicos. Assis (2013) compreende a constituição do *self* em cerimônias do Santo Daime, enquanto que Oliveira (2010) segue rumos similares em sua pesquisa sobre as identidades e as sociabilidades entre grupos etnoculturais no Mato Grosso. Ferreira (2011) perquire a produção simbólica do eldorado amazônico no governo Vargas, deslindando a partir de Mead a referencialidade persuasiva nas imagens das propagandas estatais. No tocante a apropriação com fins contextuais, semelhante à educação em que se cita Mead via Dewey, nas ciências sociais, o autor foi atrelado a três nomes, Louis Wirth (Rufato, 2010), Jürgen Habermas (Souza, 2013) e Axel Honneth (Moraes, 2009). A apropriação em exegeses de Dewey e Wirth não deve causar espanto algum, afinal Mead trabalhou durante certo período com ambos na Universidade de Chicago. Contudo, a frequência de cocitação de nosso psicólogo social norte-americano entre autores alemães é considerável, suplantando as ocorrências símiles dentre os teóricos da sociologia americana. Além das ciências sociais, na psicologia e pontualmente na educação observam-se registros em que

Mead é apresentado ao leitor por meio das vozes de pensadores germânicos. Contraditoriamente, Dalbosco (2010) salienta que as reticências dos alemães à tradição pragmática, em épocas pretéritas, podem ser atualmente averiguadas no Brasil:

A inexistência de traduções para o português de seus trabalhos mais significativos e a persistência ainda entre nós de preconceitos contra a tradição pragmática e contra o interacionismo simbólico, semelhante ao que houve na Alemanha em décadas anteriores, são razões que fazem com que Mead ainda seja pouco estudado no Brasil (Dalbosco, 2010, p. 215).

Vale ressaltar que Dalbosco parte dos casos de Adorno e Horkheimer. Os fundadores da Escola de Frankfurt imigraram para os Estados Unidos, o berço por excelência das proposições pragmáticas, mas nem mesmo o contato com o cenário intelectual americano permitiu a Adorno e Horkheimer reverem suas posições teóricas. Eles acoplavam o pragmatismo ao positivismo, considerando este e aquele expressão máxima da racionalidade instrumental (Dalbosco, 2010). No entanto, ao que tudo indica, as pejas da sociologia alemã ao pensamento de G. H. Mead foram ultrapassadas, sobretudo quando vieram a lume as obras de Habermas, Joas e Honneth. Coadunam-se a esse círculo, as figuras de Peter Berger e Thomas Luckmann que, apesar de terem nascido na Áustria e Eslovênia, respectivamente, estão vinculados àquela tradição sociológica (Casagrande, 2012; Souza, 2006). A incursão alemã a psicologia social meadiana certamente aportou em terras brasileiras. Os dados das teses revelam uma leitura triangulada no qual os intérpretes brasileiros dialogam com os expoentes da Escola de Chicago, mas também incorporam os preceitos exegéticos de autores germânicos. Nesta empreitada é bem provável que Mead tenha chegado a alguns autores nacionais primeiro pela via oblíqua, ou seja, pelos intérpretes alemães. Se a inferência de Dalbosco (2010) for plausível, ela não nega essa nova possibilidade, pelo contrário, a convalida. Se no

Brasil ainda há resistências ao pragmatismo e ao interacionismo simbólico, então é perfeitamente aceitável que a predileção epistemológica influencie a recepção através de outras tradições, dentre as quais a sociologia alemã.

As teses de Lima (2005), Souza (2006) e Casagrande (2012) não se contentam apenas em interpretar profundamente as aporias e aforismos de Mead, mas também fazem interpretação da interpretação ao resgatar os pontos de diálogo de Habermas com Mead em sua teoria do agir comunicativo. Souza (2006) inclui as apropriações de Berger e Luckmann no livro “A construção social da realidade” e Moraes (2009), por sua vez, destrincha a influência meadiana na ética procedimental de Honneth. Entretanto, tais registros são exegeses, o que ressoa mais como uma diligência da tarefa, em inquirir as fontes filosóficas e científicas no pensamento de um autor, do que um interesse verossímil de pesquisa. Mas mesmo em investigações de cunho empírico é comum citar Mead por meio dos autores germânicos.

No fundo, as ilações mais genéricas e abstratas da presente pesquisa não conduzem a nada de novo. Se separarmos o conteúdo da forma, veremos que a recepção triangular, o eclipse da Torre de Marfim e o próprio efeito redoma manifestam-se em tantas outras ciências, travestido em novas nomenclaturas e outros paradigmas. Por isso que o estudo centrado em Mead transparece mais com uma mera tautologia da recepção, em parafrasear o que foi dito, mas dotando-o com novo teor e outra inscrição na história das ideias. Se existe algum êxito no nosso esforço, este reside em retirar o óbvio de sua aparente imensidão oculta. Como poeticamente nos lembra Caetano Veloso (1977):

E aquilo que nesse momento se revelará aos povos,
Surpreenderá a todos, não por ser exótico,
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto,
Quando terás sido óbvio.

Os livros e manuais

O lapso contemplado pelas teses e dissertações se estende de 1997 a 2014. Entretanto, ao compilar os principais nomes de comentaristas nacionais das teses, conseguimos identificar publicações que remetem à apropriação de outrora. Neste breve intervalo de páginas, o objetivo não é fazer uma interpretação da interpretação, dissecando o texto, os conceitos e as fontes teóricas. Até porque, na recepção de Mead no Brasil, há interstícios relativamente longos entre as publicações e elas não parecem estar refletidas num jogo de espelhos, em que uma faz alusão à outra. Em virtude disto, a tarefa se desdobrará em classificar os registros em modalidades sem estabelecer uma linha histórica contundente dos dados, afinal a diacronia pode até todo instante ser reconstruída conforme os achados recolhidos *a posteriori*. Desta maneira, as bibliografias serão distinguidas segundo a natureza da apropriação, a saber: leitura instrumental, exegese e livro-texto.

A clivagem no interior dessa singela taxionomia se explica em função das diferentes roupagens imiscuídas na recepção, sobretudo no caso dos livros-textos e teses. Equacionar as finalidades expositivas dos manuais e livros aos propósitos imbuídos pelas teses e dissertações é, sem dúvida, incorrer num erro crasso. Estas últimas se empenham em cifrar as citações na textura dos argumentos:

[...] ao citar, a motivação do cientista é primordialmente criar no leitor a percepção de que os seus argumentos encontram suporte na obra de outros pesquisadores. O padrão de citação tende, assim, a ser determinado pela natureza das controvérsias em que está envolvido o autor do texto científico. Não se deve, portanto, esperar encontrar em um artigo científico o mesmo padrão de citação de uma dissertação escolar (Melo, 1999, p. 72).

Se um sociólogo após defender sua dissertação, resolve publicar algum dos capítulos num periódico especializado, ele deverá

proceder a necessários ajustes na estratégia textual. Em parte, a seleção dos locais de publicação implica uma antecipação das “normas” com o intuito de diminuir a potencial eliminação expressa, enfim, o não aceite da produção (Bourdieu, 1994). Do-ravante, as citações são postas a serviço do sistema de defesa dos argumentos, recrutando uma trama de referências mais amplas que o próprio artigo. As aporias, prolepses e digressões calculadas circunspectamente pelo autor da tese são, tantas vezes, suprimidas para não comprometer o esquema de dissensos e controvérsias. Se a simples acomodação textual as regras de um periódico resvala em tamanha transformação, que dirá a distância entre as teses e os manuais. Não se trata somente de uma diferença de públicos, mas também recai numa inexorável disparidade de expectativas. Nos compêndios, tratados e vade-mécuns há um conhecimento tácito e anônimo, em que se tende a restringir certas contribuições em detrimento de outras. Em teses, ao invés de compilar os expoentes, intenciona-se persuadir o arguente da banca examinadora – e demais leitores –, comprovando a validade das proposições centrais por meio do arsenal retórico das citações (Melo, 1999).

Entretanto, no Brasil, a apropriação das teses é precedida pelo espólio de manuais em metodologia científica. Estes últimos consubstanciavam os primeiros indícios de releitura da teoria psicossocial meadiana. Cronologicamente, a obra que inaugura a recepção brasileira pertence ao acervo dos manuais e foi escrita por um norte-americano, Donald Pierson. No livro “Teoria e pesquisa em sociologia” (1965) – a primeira edição data de 1945 –, o sociólogo estadunidense faz um esboço da psicologia social, citando na bibliografia “indispensável” seis artigos de Mead e a obra *Mind, self and society* (Mead, 1934)⁸.

8 Interessante notar que antes da chegada de Pierson na Escola Livre de Sociologia e Política, em 1939, quem ministrava a disciplina “Psicologia Social” era Raul Briquet. Contudo, de acordo com Bomfim (2004), tanto Briquet quanto Arthur Ramos, que ministrava uma disciplina similar na Escola de Economia e Direito da extinta Universidade do Distrito Federal, citam Dewey e Watson, mas não mencionam o nome de Mead nas suas lecionações e obras. Retrospectivamente, Oliveira Vianna (1923), no livro “Peque-

Nas décadas posteriores, a recepção através dos livros-textos se intensifica, todavia, as produções passam a ser redigidas por intérpretes vernáculos. Neste sentido, sublinham-se as seguintes publicações: “Filosofia da ciência: introdução ao jogo e a suas regras” de Rubem Alves (1981); “Metodologias qualitativas na sociologia” de Teresa Maria Frota Haguette (1987); “Matrizes do pensamento psicológico” de Luís Cláudio Mendonça Figueiredo (1989); “A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais” de Mirian Goldenberg (1997); “Interacionismo simbólico e a teoria dos papéis: uma aproximação para a psicologia social” de Bazilli et al. (1998); “Teorias sociológicas no século XX” de José Maurício Domingues (2001); “O método fenomenológico na pesquisa” de Daniel Augusto Moreira (2002); “O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde” de Maria Cecília de Souza Minayo (2004) e “As metáforas nas ciências sociais” de Jordão Horta Nunes (2005).

No período anterior a 1997, as citações em teses e dissertações se epilgam a quatro ocorrências, das quais três em forma de leitura instrumental e apenas uma exegese. Marialice Menca-rini Foracchi (1965), em sua tese de doutorado intitulada “O estudante e a transformação da sociedade brasileira”, utiliza o conceito meadiano de outro generalizado para perceber o papel signifi-cante e autoritário da família ao custear os estudos do filho. Ciampa (1977, 1987) cita Mead tanto na sua dissertação, “Identidade social e suas relações com a ideologia”, quanto na sua tese, “A estória do Severino e a história de Severina: um ensaio de psicologia social”. Sass (2004), por seu turno, redigiu a única exegese encontrada no hiato de 1945 a 2002⁹.

O que se averigua é um efeito inverso, mais ou menos compensatório. Por outras palavras, se de 1945 a meados 1990 avolu-

nos estudos de psicologia social”, apesar de ser contemporâneo a Mead não faz qualquer alusão ao autor norte-americano.

9 A tese de Sass (2004), “Crítica da razão solitária: a psicologia social segundo George Herbert Mead”, foi defendida em 1992 e publicada em formato de livro em 2004.

mam-se as apropriações nos manuais e tratados, o mesmo intervalo sinaliza uma participação menos expressiva das teses. No entanto, entre 1997 a 2014, a proporção de teses no montante das produções supera o número de livros-textos. Talvez, este fato aponte para uma nova fase da recepção brasileira. Mas não nos enganemos, ainda há reticências ao pensamento de Mead no Brasil (Dalbosco, 2010). Diante dessa enseada, parecem existir mais recifes do que fluidez epistemológica.

Considerações finais

Talvez, o grande esmero dos cientistas sociais seja desnaturalizar a construção social da vida coletiva. Nesta tarefa, recorreremos a conceitos profícuos para interpretar criticamente o objeto de estudo, refutamos as próprias hipóteses e, por vezes, não chegamos a nada. Se ao invés de panaceias clarificantes encontramos novos dilemas, perguntas sem respostas, como saída nos movemos a outras tantas incursões. Nos meandros de tal dinâmica, as ideias parecem estar, paradoxalmente, naturalizadas nos esquemas de desnaturalização do social (Villas Bôas, 2006), isto é, para alguns cientistas, recorrer aos conceitos transparece se apegar a algo cristalizado em sua atmosfera explicativa.

As pesquisas de recepção atestam que as ideias não são frívolas e anacrônicas, pelo contrário, elas acompanham o curso de suas apropriações, tecendo assim a sua própria história. Em vida, Mead certamente não cogitaria nem a recepção paradigmática dos enfermeiros, tampouco as reticências dos sociólogos no Brasil. Ao investigar o diálogo entre duas tradições científicas, constatamos que a recepção é menos fluída do que parece. Há obstáculos silenciosos que irrompem diante das leituras e condensam nossas expectativas e pressupostos teóricos. A recepção de G. H. Mead recupera os longínquos ventos da Escola de Chicago e a sua fricção em outras correntes de pensamento até se aproximar da enseada brasileira. Semelhante ao movimento

ondulatório das correntes oceânicas, que antes de espriar na orla ocasionalmente esbarra em restingas, a releitura de Mead também implicou certos entraves. O eclipse da Torre de Marfim e a recepção triangular demonstram a existência de recifes que permaneciam, até então, latentes nos meandros do óbvio.

Referências

Allport, G. W. The historical background of modern social psychology. In: LINDZEY, G. (Ed.). **Handbook of social psychology**. Reading, Mass.:Addison-Wesley, 1954.

Alves, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e a suas regras. 12ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007 (a primeira edição foi publicada em 1981 pela Editora Brasiliense).

Assis, Glauber Loures. **Encanto e desencanto**: um estudo sociológico sobre a inserção do Santo Daime no cenário religioso contemporâneo. 2013. 115 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, **Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013**.

Bauman, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 07-37.

Bazilli, C.et al. **Interacionismo simbólico e teoria dos papéis**: uma aproximação para a psicologia social. São Paulo: EDUC, 1998.

Bomfim, E. M. Históricos cursos de psicologia social no Brasil. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 2, 2004.

Bourdieu, Pierre. **Pierre Bourdieu**: sociologia. ORTIZ, Renato (Org.). 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

Calegare, Marcelo Gustavo Aguilar. **Contribuições da psicologia social ao estudo de uma comunidade ribeirinha no Alto Solimões**: redes comunitárias e identidades coletivas. 2010. 322 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Carvalho, Joari Aparecido Soares de. **Psicologia social e educomunicação: questões sobre o processo grupal**. 2009. 393 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Casagrande, Cledes Antonio. **A formação do eu em Mead e em Habermas**: desafios e implicações à educação. 2012. 197 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

Cavaleiro, Maria Cristina. **Feminilidades homossexuais em ambiente escolar**: ocultamentos e discriminações vividas por garotas. 2009. 217 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Ciampa, Antonio da Costa. **Identidade social e suas relações com a ideologia**. 1977. 211 p. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1977.

_____. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994 (a primeira edição foi publicada em 1987).

Costa, Sérgio. **Desprovincializando a sociologia**: a contribuição pós-colonial. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 21, n. 60, pp. 117-134, 2005.

Domingues, José Maurício. **Teorias sociológicas no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Elias, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v I.

_____. **Mozart**: a sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1995.

Dalbosco, Cláudio Almir. **Pragmatismo, teoria crítica e educação**: ação pedagógica como mediação de significados. Campinas: Autores Associados, 2010.

Del Vecchio, Angelo. Preâmbulo: as influências presentes nos anos de formação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. In: Kantor, Iris; Maciel, Débora A.; Simões, Júlio Assis (orgs.). **A Escola Livre de Sociologia e Política – anos de formação 1933-1953**: depoimentos. 2ª ed. São Paulo: Sociologia e Política, 2009, pp. 11-26.

Dorsa, Ana Daniele de Godoy. **Continuidade entre estética e investigação na teoria da arte deweyana – a educação entre arte e ciência, valor e método, ou o ideal e o real**. 2013. 120 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Duarte, Luiz Fernando Dias. Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, n. 1, pp. 173-183, 2003.

Farr, Robert. **As raízes da psicologia social moderna (1872-1954)**. Tradução Pedrinho Guareschi e Paulo V. Maya. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

Ferreira, Maria Liege Freitas. **A construção do eldorado amazônico no governo Vargas**: a representação através da imagem (1940-1945). 2011. 260 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências de Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

Figueiredo, Luís Cláudio Mendonça. **Matrizes do pensamento psicológico**. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008 (a primeira edição foi publicada em 1989).

Florencio, Delano Roosevelt de Melo. **Comunicação e intersubjetividade: um olhar sobre processos interacionais em crianças surdas**. 2009. 114 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

Foracchi, Marialice Mincarini. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977 (a primeira edição foi publicada em 1965).

Fuchs, Angela Maria Silva; França, Maira Nani; Pinheiro, Maria Salete de Freitas. **Guia para normatização de publicações técnico-científicas**. Uberlândia: EDUFU, 2013.

Goldenberg, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004 (a primeira edição foi publicada em 1997).

Grigorowitschs, Tamara. **Jogos, processos de socialização e mimese: uma análise sociológica do jogar infantil coletivo no recreio escolar e suas relações de gênero**. 2007. 166p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Guimarães, Danilo Silva. **Intersubjetividade e desejo nas relações sociais: o caso dos jogos de representação de papéis**. 2007. 186 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Gumbrecht, Hans Ulrich. Sobre os interesses cognitivos, terminologia básica e métodos de uma ciência da literatura fundada na teoria da ação. In: Lima, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp. 189-205.

Haguette, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 8ª ed. Petrópolis: 2001 (a primeira edição foi publicada em 1987).

Harvey, David. **Condição pós-moderna**. 15ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 21-44.

Iser, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: Lima, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp. 83-132.

Jauss, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979a, pp. 43-61.

_____. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. In: Lima, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979b, pp. 63-82.

Joas, Hans. **G. H. Mead**: a contemporary re-examination of his thought. Cambridge: Polity Press, 1985.

Leenhardt, Jacques. A consagração na França de um pensamento heterodoxo. In: Dimas, Antonio; Leenhardt, Jacques; Pesavento, Sandra Jatahy. **Reinventar o Brasil**: Gilberto Freyre entre história e ficção. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Editora da USP, 2006, pp. 25-40.

Leite Lopes, José Sérgio; Maresca, Sylvain. A morte da alegria do povo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 7, n 20, pp. 113-134, 1992.

Lewis, J. D.; Smith, R. L. **American sociology and pragmatism**: Mead, Chicago sociology and symbolic interactionism. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

Lima, Aluísio Ferreira de. **A dependência de drogas como um problema de identidade: possibilidades de apresentação do 'Eu' por meio da oficina terapêutica de teatro**. 2005. 251 p. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

Lima, Luiz Costa. Introdução: O Leitor Demanda (d)a Literatura. In: Lima, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp. 9-36.

Lopes, João Teixeira. **Da democratização à democracia cultural**: uma reflexão sobre políticas culturais e espaço público. Porto: Profedições, 2008.

Matos, Maria Amélia. Behaviorismo Metodológico e Behaviorismo Radical. In: Rangé, B. (Org.). **Psicoterapia comportamental e cognitiva**: Pesquisa, Prática, Aplicação e Problemas. Ed.Campinas: Editorial Psy, 1995.

Mead, George Herbert. **Mind, self and society**: from the standpoint of a social behaviorist. Morris, C. W (Org.). Chicago: University of Chicago Press, 1934.

Melo, Manuel Palacios da Cunha e. **Quem explica o Brasil**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 1999.

Mendoza, Edgar S. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, n. 14, pp. 440-470, jun./dez. 2005.

Miller, D. L. **G. H. Mead**: self, language, and the world. Austin: Texas, 1973.

Minayo, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12^a ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010 (a primeira edição foi publicada em 2004).

Moraes, Renato Almeida de. **Ética procedimental e racionalidade da ação:** uma leitura crítica da teoria política de Jürgen Habermas. 2009. 171 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Moreira, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

Nunes, Jordão Horta. **As metáforas nas ciências sociais.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas; Goiânia: Editora UFG, 2005.

Oliveira, Natália Araújo de. **Xavantes, Pioneiros e Gaúchos:** identidade e sociabilidade em Nova Xavantina/MT. 2010. 189 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

Oliveira Vianna, F. **Pequenos estudos de psicologia social.** São Paulo: Off. Graphics Monteiro Lobato & C., 1923.

Pierson, Donald. **Teoria e pesquisa em sociologia.** 9ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965 (a primeira edição foi publicada em 1945).

Rasera, Emerson Fernando; JAPUR, Marisa. **Os sentidos da construção social:** o convite construcionista para a psicologia. *Paidéia*, v. 30, n. 15. pp. 21-29, 2005.

Ribeiro, Sinara Dantas Neves. **Crenças e representações nos ritos de iniciação ao futebol:** um estudo psicossocial. 2005. 119 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

Rocha, Elizer Pedroso da. **O princípio de continuidade e a relação entre interesse e esforço em Dewey.** 2011. 160 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Rufato, Marcela de Andrade. **Imigração e relações raciais na cidade moderna: a teoria social de Louis Wirth.** 2010. 147 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Sales, Marta Santos. **O processo de constituição das aspirações ocupacionais na interface educação/trabalho.** 2010. 138 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

Sant’ana, Ruth Bernardes de. Psicologia Social na Escola: as contribuições de G. H. Mead. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 17, n.1, pp. 67-74, jan./abr. 2005.

Santos, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

Sass, Odair. **Crítica da razão solitária**: a psicologia social segundo George Herbert Mead. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

Schewinsky, Sandra Regina. **Imaginação criativa, memória e consciência**: estudo com pessoas que sofreram Traumatismo Crânio Encefálico. 2008. 207 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

Silva, Geórgia Sibebe Nogueira da. A racionalidade médica ocidental e a negação da morte, do riso, do demasiadamente humano. In: **ANGERAMI-CAMOM, V. A. Atualidades em psicologia da saúde**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004, pp. 135-156.

Souza, Renato Ferreira de. **George Herbert Mead**: contribuições para a psicologia social. 2006. 132 p. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. George Herbert Mead: contribuições para a história da psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, pp. 369-378, 2011.

Souza, Túlio Augustus Silva e. **O comunicado da razão**: crítica da razão funcionalista na teoria do agir comunicativo. 2013. 205 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Trindade, Cristiane Coutheux. **Educação, sociedade e democracia no pensamento de John Dewey**. 2009. 125 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Veloso, Caetano. **“Um índio”**. LP Bicho. São Paulo: Philips, 1977.

Vieira, Priscila Pereira Faria. **A experiência da procura de trabalho**: um estudo de caso. 2009. 211 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Villas Bôas, Gláucia. **A recepção da sociologia alemã no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2006a.

_____. Gláucia Villas Bôas. In: BASTOS, Elide Rugai; ABRUCIO, Fernando; LOUREIRO, Maria Rita; et. al. (Orgs.). **Conversas com sociólogos brasileiros**. São Paulo: Ed. 34, 2006b, pp. 335-351.

Zumthor, PAUL. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

